

# ALVORADA



REVISTA DE LETRAS

REDACTORES:


JONATHAS BAPTISTA  
ANTONIO CHAVES  
PEDRO BORGES  
CELSO PINHEIRO  
ZITO BAPTISTA.

Theresina—Piauhy

COLLABORADORES:



Hygino Cunha  
Clodoaldo Freitas  
João Pinheiro  
Arimathéa Tito  
Leoncio do Rêgo  
Simplicio Mendes  
Maria Amelia Rubim  
Pedro Campos Filho



Baurelio Mangabeira  
Ressú Leal  
Eudoxio Neves  
Alba Valdez  
Ascendino Argolo  
Antonietta Clotilde  
Joel d'Oliveira  
M. Saraiva de Lemos



# ALVORADA

REVISTA DE LETRAS

ANNO I \* THERESINA \* —30—ituobro—09— \* PIAUHY \* NUM 8.

## INFORMAÇÕES

A ALVORADA apparece nos dias 15 e 30 de cada mez e não publica materia paga sinão nas paginas reservadas aos annuncios.



A ALVORADA assigna-se:

Por mez, capital . . . . .	1\$000
Tres mezes, fóra . . . . .	3\$500
Numero avólso . . . . .	\$500

## PAGAMENTO ADIANTADO

Toda e qualquer correspondencia deve ser dirigida a JONATHAS BAPTISTA, redactor-secretario—*RUA Dr. ALVARO MENDES N. 59.*  
ENDEREÇO TELEGRAPHICO—ALVORADA

A redacção não se responsabilisa pelas idéas defendidas nesta revista pelos seus collaboradores.

ACCEITAM—SE ANNUNCIOS, MEDIANTE PREVIO AJUSTE E PAGOS ADIANTADAMENTE

# ALVORADA

## Chronica

Passa a 2 de novembro proximo, a data da commemoração dos mortos.

**F**elizes os que se foram para longe, para bem longe mesmo das mentiras convencionaes deste mundo de miserias. Ditosos os que já sentiram o calefrio dos tumulos, servindo de pasto aos vermes esfaimados. porque elles não provarão, jámais, o amargo fel da ingratição dos homens, não sentirão, saudade e o sol, o velho sol, ensanguentado e rubro, tombando aos poucos no occaso escarlata, parece que tambem deixa cahir por sobre as flores pendidamente tristes, lagrimas de fogo, lagrimas de sangue, pelos, que se foram, pelos que se finaram.

Felizes os que já se foram; ditosos os que já não vivem.

E tú, vaidade humana, loucura dos

que ainda sonham, orgulho dos ignorantes, pretensão dos ridiculos, lembra um instante só, medita um momento, ao menos, nesse dia, sobre a unica verdade que existe sobre a terra—a Morte!

\* \* \*

Dia de finados . . .

Os sinos dobram plangentemente, num soluçar constante, num badalar sentido, como que chorando o desaparecimento de todos os que se foram, de todos aquelles que tombaram fulminados pela lei immutavel do Destino. A natureza como que se veste com o rôxo manto da saudade e o sol, o velho sol, ensanguentado e rubro, tombando aos poucos no occaso escarlata, parece que tambem deixa cahir por sobre as flores pendidamente tristes, lagrimas de fogo, lagrimas de sangue, pelos, que se foram, pelos que se finaram.

E lá, na morada dos mortos, no asylo eterno dos que já não vivem, por entre as brancas filas dos sepulchros enfeitados, a multidão passeia, indiferente e calma. E' a festa dos vivos, com todo o seu cortejo de exhibições, insultando á festa dos mortos. E' a tristeza hypocrita de um convencionalismo barato e ridiculo, em contraste com o riso franco e sincero das caveiras. E' a mentira em face da verdade, o orgulho ao lado dos humildes.

E a multidão, levada pela curiosidade, segue em romaria, ao *campo santo*, indo e vindo, num constante transitar de desoccupados. Nem sempre é a saudade, a amisade duradoura e sempre viva que a conduz á silenciosa *cidade dos mortos*.

E', antes, o dos vivos, de estalidos, onde não existissem os mortos, são iguaes, m... de ignorancia e d...

E' o dia em que se deve chorar pelos mortos e todos, convencionalmente, no momento preciso, lá vão, cheios de um respeito affectado, derramar lagrimas sentidas, lagrimas de saudade e desespero! ...

Pobre humanidade!

Felizes os que já se foram; ditosos os que já não vivem.

Dia de finados—dia de mentiras! Commemoração dos mortos—ostentação dos vivos!

J.B.

## WILLIAM SHAKSPEARE

### LIGEIROS TRAÇOS

(VIDE O NUMERO 7 DA ALVORADA)

O grande poeta inglez continúa a ser objecto de estudos em todo o mundo culto. Sobre o homem e a sua obra têm-se emittido as opiniões mais contradictorias e paradoxaes. «A obra de Shakspeare — diz Enrico Ferri — é uma mina de inexgotavel riqueza. E não somente os criticos de arte, mas os juristas e os economistas mesmo nella têm haurido dados e documentos do maior interesse». A psychologia criminal estuda em *Macbeth*, *Hamlet* e *Othello* os três principaes typos dos criminosos: o criminoso-nato, o criminoso-louco e o criminoso passional, cujos caractêres foram descriptos nitidamente com a intuição e a observação do verdadeiro genio».

Ha uma vasta literatura sobre o insigne actor e autor inglez.

Um dos paradoxos mais interessantes que se têm levantado a seu respeito é que a obra que se lhe attribue não lhe é propria, mas o trabalho de um ge-

nio occulto, seu contemporaneo, cuja identidade se procura descobrir.

Allega-se que Shakspeare, primogenito de um casal de dez filhos, era natural de uma aldeia do interior da Inglaterra—Straford, pequeno burgo de 1.500 habitantes no condado de Warwick; que seu pai, depois de ter exercido cargos secundarios (municipal e judicial) e um pequeno commercio de lãs, tendo sido mal succedido nesta profissão, passou a ser magarefe com o auxilio do trabalho de seu filho; que este, já depois de casado e com filhos, e perseguido por um proprietario visinho por questão de caçadas, passou-se para Londres, deixando a familia em Straford, e servindo na capital de criado dos fidalgos nas portas dos theatros; que Shakspeare, nos seus escriptos e até no seu testamento, nunca falou das suas peças dramaticas, que nunca assignou, quando aliás o seu nome figura como actor no alto de peças de autores obscuros e mediocres; que sua filha Judith, que se casou depois dos trinta

# AO SOL

O sol! o sol—rei do infinito!  
—Eu amo o sol que se levanta  
Jorrando do alto céu bemdito  
Prantos de luz...

Bemdito o sol que nos encanta,  
Bem dita a luz que nos dà vida  
E para a vida nos conduz:  
Bemdito o sol! Bemdito o sol!

Eia! comece a grande lida,  
Que já, do azul, raivoso, em chammas,  
Por entre as tintas do arrebol,  
O sol, de novo, nos convida  
Para o trabalho, para a vida...  
O sol! o sol! Bemdito o sol!

Vozes das aves, nas estradas,  
Cantos de amor á luz do dia,  
Enchem, vibrando, o mundo inteiro  
De uma ineffavel harmonia...  
—Ao longe as tristes invernadas  
Ao longe a treva horrenda e fria,  
Que o sol, ardendo num brasêiro,  
Brilha no espaço amplo, infinito,  
O sol que é um Deus, o sol bemdito!

Bençams ao sól que se levanta,  
Banhando toda a immensidade  
Num banho idéal de muita luz!  
Bençams á luz que nos encanta  
E, enquanto acorda o passaredo,  
Para o trabalho nos conduz...

Bençams ao vívido pharol  
Acceso no alto, manhã cedo:  
Bençams ao sol!

Sito Baptista.

annos, era analphabeta; que seu gēno John Halle, medico estimado, que publicou uma especie de *Clinica*, não se referiu ao seu sogro, etc, etc. Em resumo, Shakspeare não tinha nenhum preparo intellectual, não sabia latim nem grego, que eram as linguas literarias do seu tempo, não frequentou nenhuma escola superior, nunca transpoz as fronteiras da sua *merry England*. Como podia produzir tantas obras-primas que fazem a admiração do mundo?

Eu já sabia que esta duvida tinha sido levantada nos Estados Unidos por um sr. Donelly, que pretendeu demonstrar que Shakspeare não passava de um pseudonymo do seu contemporaneo Francisco Bacon, barão de Verulam e visconde de Santo Albano, o mais distincto de todos os homens publicos que viviam então na Europa, o maior philosopho inglez dos tempos modernos, jurisconsulto emerito e parlamentar eximio. Mas suppoz que esta idéa não era

mais do que uma das infinitas excêntricas do genio *yankee*. No entanto, veja agora, por um artigo do Conde de Affonso Celso no «Jornal do Brasil», que a coisa teve echo na Europa; pois um sr. Celestin Dembon, professor de historia e literatura franceza na Universidade de Bruxellas e deputado de Lége, diz haver descoberto o verdadeiro autor dos dramas falsamente attribuidos a Shakspeare. No mesmo artigo tambem se annuncia que um sabio allemão vai divulgar o fructo de laboriosas ingestigações no mesmo sentido. «A these do sr. Demblon é que, nos pormenores e no conjuncto, as peças assignadas por Shakspeare estão em total desaccôrdo com a vida deste, denotando um espirito aristocratico, um habito da alta roda (nem sempre), um conhecimento da politica, da jurisprudencia, dos negocios da guerra, dos maritimos, de toda a sciencia da época, coisas que elle não sabia, nem podia saber».—Affonso Celso. O parenthese é nosso. Tudo isto quer dizer que um plebeu, que não frequentou universidades, nem fez caso da sua gloria literaria em vida, não tem direito a ostentar o poder dos genios, apanagio dos nobres, ricos de oiro e de estudos academicos. A questão é muito seria, porque se trata de um nome consagrado pelos seculos mais illustrados da critica scientifica. A Inglaterra nada perderia com isso, uma vez que a gloria de Shakspeare passaria para um seu compatriota. Mas daqui até lá veremos. Ha seculos tambem procuram fazer de Homero o symbolo de uma nacionalidade e de um cyclo poetico da antiguidade classica. Até hoje Homero continúa a ser o ancião cego, cantando as suas rapsodias pelas cidades gregas e illuminando o mundo com os seus poemas immortaes. Shakspeare, cuja existencia ainda ninguem negou, é mais feliz do que Jesus Christo, cuja existencia tem sido negada por exegetas impios e impiedosos. A respeito da vida de Jesus, diz o dr. Araujo Jorge na sua ultima obra: «Esta probeza de documentos é tão extraordinaria que um escriptor italiano, Emilio Rossi, publicou em 1903,

em Lugano, uma obra sob o curioso titulo *Gesù non è mai esistito*, na qual, repetindo e desenvolvendo uma affirmacão de Dupuis, Letourneau e Ganneval, emprehendeu demonstrar que a existencia material de Jesus não está historicamente provada e que o seu nome não representa mais do que um symbolo das esperanças messianicas do povo judeu». Depois disto nada mais ha que admirar nas investidas da critica demolidora dos ultimos tempos.

O rol das obras de Shakspeare encerra trinta e sete peças theatraes dramas, tragedias, comedias e farças, alguns poemas avulsos e 154 sonetos. Em todas se nota o cunho de uma inspiracão arrojada a par de grosserias bizarras. Mas o que lhe deu a preeminencia entre os seus contemporaneos, conquistando o culto da posteridade, foram as suas grandes tragedias—*Romeu e Julietta*, *Othello*, *Hamlet*, *Rei Lear*, *Macbe*, *Ricardo III*, *O Mercador de Veneza*, etc. Sem estas talvez o seu nome não tivesse o poder de atravessar os seculos e de evocar os dos seus emulos, alguns até de real merrimento como Fletcher, Beaumont, Massinger, Ben Johnson, Marlowe e tantos outros. A esta pergunta: «Quaes foram os mestres de Shakspeare?» Responde Villemain: «Seus contemporaneos; e alguns não eram indignos de o ser». O excelso dramaturgo floresceu no aureo seculo da renascença, da reforma protestante, das terriveis lutas religiosas que assolaram a sociedade européa, das conquistas do Novo Mundo, da expansão nos mares, do triumpho definitivo da marinha ingleza sobre as suas rivaes. Foi o seculo de Rabelais, Montaigne, Tasso, Ercilla, Lope de Vega, Cervantes, Calderon, Camões, todos genios de primeira grandeza. Não sòmente nas letras propriamente ditas, mas em todas as artes, nas sciencias, nas industrias, nas religiões, o impulso da renascença creou novos idéaes, abrindo novos sulcos ao pensamento moderno. Shakspeare veio para Londres em plena juventude, aos 22 annos muito provavelmente,

# O PASTOR

(FRAGMENTO DE UM POEMETO)

Vae alta a noite. Funda e tragica amargura,  
Implacavel, sinistra, immensa, atroz, sombria,  
Atrae, alcança, envolve, enche de desventura  
O coração da terra fria.

E neste atro pezar que se derrama, nesta  
Tremenda solidão de horror e soffrimento,  
Triste e lugubre sae do seio da floresta  
Um gemido de dor, de magua e desalento.

Anoite, a noite assim, ah! ninguém a comprehende!  
—Repleta de visões mysteriosas e estranhas,  
Parece uma mortalha enorme que se estende  
Negra, por cima das montanhas.

Nos ares ha um sussurro aterrorizador,  
Sussurro prolongado, aliás que não se exprime...  
Ouvindo-o, eil-o assustado, eil-o errante, o pastor,  
Como o ladrão depois de commetter um crime.

E louco, a maldizer a Morte, separado  
Da companheira idéal da sua mocidade,  
Caminha! E tudo ao vel-o, assim, allucinado,  
Se enche de angustia e de piedade.

Emquanto elle, buscando-a em toda parte, em tudo'  
Na propria escuridão que o aprisiona, fala:  
—«Porque me foges? Vem! Teu labio de velludo,  
Dá-m'o! quero beijal-o, ó timida Zagala!

Morosamente, o rio, em flácidos queixumes,  
Está, de quando em vez, teu nome a murmurar...  
Tudo—os valles, a brisa, as flores e os pertames,  
Tudo parece te chamar!»

Vendo nascer o dia:—«O sol, que estava occulto,  
Já vem doirando os céus e a alfombra dos caminhos!  
Vem, imagem saudosa! Os nossos carneirinhos  
\*Andam berrando, além, procurando-te o vulto.

Mas, ah! ninguém responde a minha voz tristonha!  
Ninguém! Ella não vem, não virá nunca mais!  
Que saudade, meu Deus, que saudade medonha  
Sinto em dizer palavras taes!

E como a minha vida agora ha de ser triste,  
Sósinho, a soluçar dentro da minha dor!  
Como posso existir, quando já não existe  
Quem na vida me fez ser amante e pastor».

António Chaves.

Ahi dedicou-se logo á vida do palco, edahi que constata as suas relações com al-  
apenas sahia uma vez por anno para visitar guns personagens da alta roda, como  
a familia e voltava logo aos misteres da lord Southampton, favorito da rainha  
arte, a que se dedicou. Já em 1592 foi Izabel, quem o poeta chamou hyper-  
elle atacado por um tal Roberto Gree- bolicamente: *a bella Vestal assentada so-*  
ne como autor e como poeta, o que faz bre o throno do Occidente. E' verdade  
suppôr que elle já tinha alcançado o que a profissão de comediante ainda  
«sucesso». Chetle, que editou as saty- era mal vista pelas entes de alto cothur-  
ras de Greene, desculpou-se em termos no. Mas no reinado desta grande rai-  
satisfatorios para o offendido. «Eu mes- nha virago o theatro recebeu importan-  
mo apreciei—diz Chetle—as suas ma- tes melhoramentos e os actores começa-  
neiras tão civis como è superior o seu ram a ser mais considerados.  
talento, e pessôas consideraveis me têm  
falado da rectidão da sua conducta, que Mesmo no seu século, a sua perda  
atesta a sua honestidade, e da sua graça foi muito sentida e honrada com as mais  
facil que atesta a sua arte» eloquentes saudades. A primeira edição  
das suas obras foi realizada cinco annos  
depois dasua morte, sob os auspicios dos  
dois comediantes Heminge e Condell, testa-  
menteiros do poeta de Straford. Na  
fronte desta edição Ben Johnson, o poe-

Encontra-se o nome de Shakspeare em diversos documentos da época, per-  
tencentes aos archivos das sociedades dra-  
maticas, de que fez parte, e em outros,

ta crudito e fecundo, emulo de Shakspeare, prestou-lhe sincera homenagem em um extenso e luminoso prefacio. Entre outras palavras eloquentissimas, que o collocam ao lado e acima dos dramaturgos antigos, exclama o prefaciador: «Triumpho, minha Bretanha, tu podes mostrar um homem, a quem todos os theatros da Europa devem homenagem; elle não pertencia a um seculo, mas a todos os tempos, etc. A mesma natureza tinha orgulho dos seus pensamentos, e folgava de usar os ornatos dos seus versos brilhantes, tão vivos e tão bem coordenados, que, depois, ella não concedeu mais o mesmo dom». Ben Johnson nunca affirmou que Shakspeare ignorava completamente as linguas classicas. A sua phrase é a seguinte: *elle sabia pouco latim e ainda menos grego.*

O egregio tragicotravou relações com os historiadores romanos e gregos, já traduzidos em inglez; cultivou a litteratura franceza em Rabelais e Montaigne e deve ter conhecido o italiano para poder cultivar o soneto com tanta belleza e abundancia. Pelos seus contemporaneos era alcunhado *o poeta da lingua de mel.*

Ninguem nega que o dinheiro ou uma elevada posição social sejam elementos preciosos para as conquistas da vida pratica. Mas seria desconhecer os ensinamentos da historia do progresso humano sustentar que só os privilegiados da fortuna têm direito ao pantheon da immortalidade. «Diz-se geralmente que sem boa ferramenta não ha bons operarios. Isto é verdade para o trabalho material; mas os trabalhadores do pensamento, os obreiros da intelligencia, sabem ás vezes produzir sem ter mesmo os mais elementares recursos da vida material. Sophocles era filho dum fer-

reiro; Terencio, roubado em criança por piratas, foi no começo da sua carreira um escravo; Plauto era obrigado a dar a roda dum moinho e nesta occupação compunha as suas comedias». Estas palavras são de Gastão Tissandier na sua obra *Os herões de trabalhos*, onde abundam os exemplos da verdade acima expressa.

E' na vida, no seculo e na originalidade nativa de Shakspeare que se deve procurar, sem systema e sem mau humor, a fonte de todos os seus defeitos bizarros, e do grande character dos seus dramas e da sua poesia. A originalidade nativa é o traço distinctivo do genio. Os antepassados viram e os contemporaneos vêem o que se passa ao alcance dos seus orgãos visuas. Mas só o homem de genio lhes perquire as causas e os effeitos para a descoberta da verdade. Antonio Renda assim define: «considerando le note differenciale del genio si trovano queste due, l'originalita, rispetto alla protenza, la scoperta del vero, rispetto al termine». Desde que os homens se serviram do fogo na arte culinaria, observaram o phenomeno da ebolução. Só um homem de genio soube utilizar-se do vapor como energia, que mais tarde havia de transformar a face da humanidade». O genio vê do alto o que o senso commum não percebe ou julga falsamente.

Foi o que se deu com o divino poeta *mellifuous and honey-tongued Shakspeare.*

(CONTINÚA)

H. C.

P. S. O actor portuguez, a que me referi no artigo anterior e que representou no *Hamlet* no Rio e no Recife, é o grande Eduardo Brazão.

## Barbearia e alfaiataria

de EURIPÉDES NUNES AMARO

Trabalhos aperfeiçoados e a preços modicos. Rua Ruy Barbosa n.

THERESINA

## PASTA MYRTES

Excellent desinfectante para a bocca; limpa os dentes, conservando o esmalte; refresca as gengivas e aromatiza o halito.

PREPARADO POR

**José R. da Fonseca**

Deposito: — PHARMACIA NOVA

RUA PAYSANDÚ 93

**THERESINA**

## SEDAS

para vestidos,  
artigo chic,  
encontra-se na LOJA MAFRENSE

De H. PARENTES & FILHO

**CASEMIRAS** pretas e de cores SMART vende-se na

LOJA MAFRENSE

DE

**H. PARENTES & FILHO**

**EDMUNDO GENUINO & IRMÃO**

Variado sortimento de artigos de fantasia para presentes.

**OLIVEIRA, PEARCE & COMP.**  
têm em deposito grande sortimento de casimiras pretas e de cores dos mais lindos gostos.

**RICOS E LINDOS BORDADOS** para albuns na **LOJA MAFRENSE**. de  
**H. PARENTES & FILHO**

## Mattar, Irmão Comp.

Completo sortimento de extractos Aglaia, Sinhá, Ideal, Jeannette, Royal Cachet, Senhorita, Guerlain, Errence Heliotropes, Perfum Rochane do J. Davier, Delicioso, Ausair, Violeta, Idalie, Peaur Españhe, Koyno Dhanez, Chuva de ouro, Oleo quinquina Kelesurfin, Gallet e Hule, Briliutine, Faro de Portugal, Pó dentrificio, Dentol Puder, Past dentrifico, Pasta de liro' Pòs de arroz Eglantina, Trevol, Sinha, Aglaya. Pó Boero Formol.

TUDO BARATISSIMO NA

## Casa Oriental

RUA Dr. ALVARO MENDES N 15

**THERESINA**

## Calbina Castello

PREPARADA POR

## Oscar C. Branco

PHARMACEUTICO

Esta excellente composição applicada sobre os callos duros, tres vezes por dia, com o pincel que acompanha o vidro, amollece-os e fal-os cair. Depois do terceiro dia de uso, collocam-se os callos num pouco d'agua morna, não calçando botinas ou sapatos enquanto não se fizer a extracção.

E' absolutamente indolor e não produz hemorragia.

DEPOSITO GERAL  
PHARMACIA NOVA  
RUA PAYSANDÚ. 64

Preço . . . . . 28000  
THERESINA - PIAUHY

Dr. HYGINO CUNHA

Advogado

Rua Cel. Lysandro Nogueira 73

## Oliveira, Pearce & C.

Bacharel

THEMISTOCLES AVELLINO

ADVOGADO

Rua Cel. Lysandro Nogueira 41

Compram todos os generos de exportação pelos melhores preços do mercado. THERESINA, PIAUHY-PRAÇA SARAIVA

Cartões

EM BRANCO

para visita e parti-  
cipios, recebeu a

**Loja Mafrense**

DE

H. Parentes Filho



E' surprehen-  
dente o sorti-  
mento de ob-  
jectos de luxo  
que acaba de  
chegar para a

LOJA ESPERANÇA

DE

FONSECA & MARTINS

PREPARADO POR

**Oscar Castello Branco**

PHARMACEUTICO

Prodigioso remedio contra COQUELUCHE, BROCHITE, ASTHMA, GRIPPE,  
PNEUMONIA e todas as affecções das vias respiratorias.

As creanças mais rebeldes tomam-no com facilidade, por causa do seu cheiro e  
sabor agradaveis.

DOSE :

Para creanças de 1 a 4 annos—1 colher das de chá de 2 em 2 horas.

Para as de 6 a 12 annos—1 dita das de sopa de 3 em 3 horas.

DEPOSITO GERAL

**PHARMACIA NOVA**

RUA PAYSANDÚ 46



THERESINA

**OLIVEIRA, PEARCE & COMP.**

AGENTES DAS COMPANHIAS DE CERVEJAS

ANTARCTICA, de S. Paulo e BRAHMA, do

RIO DE JANEIRO

THERESINA



PIAUHY

**Edimundo Genuino & Irmão**

Artigos para homens, senhoras e creanças

GRANDE SORTIMENTO DE CHAPÈOS E CLAÇADOS

## Versos de amor

E's, agora, o meu sonho...  
E é por ti que a minha alma se extasia,  
E canta, como louca,  
Vendo brilhar no teu olhar risonho,  
Vendo fulgir na tua propria bocca  
O sol da minha nova phantasia.

Trago, sempre, em lembrança  
Tua imagem, que eu vejo, reflectida  
Nas estrellas, nas flores,  
No céu, no azul, divinamente mansa,  
Como a imagem feliz da propria vida  
Abrindo os braços para os sonhadores!...

No teu rosto moreno  
Quantas promessas de ventura leio...  
Ai! que lindos castellos  
Faz, agora, o meu sonho aureo e sereno,  
Cantando, nestes versos tão singellos,  
Este amor que eu bem sei de onde me veio...

Os tenues fios de oiro  
Do teu lindo cabelo que esvoaça,  
Como os beijar quizera!  
Para vel-os, depois, como um thesoiro,  
Cheios da luz de tua propria graça,  
Florindo em beijos pela primavera.

Toda a minha alegria  
Vem de ti, minha flor, minha esperança:  
Tenho a alma toda cheia  
Do amor, que nos teus olhos irradia,  
Do amor que, como um passaro, gorgoeja  
Na tua voz sonora de creança...

Zito Baptista.

## Poema da Magua

A proposito do apparecimento do *Poema da Magua*, o sr. Conde de Affonso Celso, reputado escriptor e poéta nacional, acaba de endereçar ao seu autor, o nosso brilhante companheiro Antonio Chaves, a honrosa carta que damos em seguida.

Ainda mesmo que outros literatos de nomeada não tivessem manifestado, já, a sua admiração e apreço pelo bello trabalho do joven poéta piauihyense, bastava este documento de alto valor, insuspeito e espontaneo, para se conhecer o que houve de injustiça no julgamento do mesmo livro, feito, ha pouco, pelo sr. Osorio Duque Estrada. Sim, porque até hoje foi s. s. o unico (\*) a dizer mal dos versos de Antonio Chaves.

Oppomos, porém, á sua opinião, apressada e sem fundamento, a carinhosa carta de Affonso Celso, que é, incontestavelmente, um dos mais cultos espiritos do Brasil moderno.

Eis a carta:

«Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1909.—O Conde de Affonso Celso, receioso de que não haja chegado ao seu sympathico e auspicioso confrade sr. Antonio Chaves o agradecimento que lhe enviou quando foi obsequiado por s. s. com um exemplar do *Poema da Magua*, renova a expressão do seu reconhecimento e do seu applauso á mimosa e inspirada producção.

(\*) Os criticos provincianos do Ceará, que tambem disseram mal do *Poema da Magua*, nem merecem a honra de ser apontados aqui. São uns pobres de espirito, cuja opinião, justa ou injusta, sobre qualquer obra nenhum effeito produz. Elles que se contentem com a politicagem do velho Accyoli, e vão passando ao longe...

## Ciume eterno

Sangrando ao punhal do zelo  
Que meu peito enfermo corta,  
Por vezes, ó meu desvêlo,  
Eu desejo ver-te morta.

Mas temo que se avolume  
O horror dos peccados meus  
Pois inda eu teria ciume,  
E ciume do proprio Deus!

C. P.

**Bacharel**

*Themistocles Avallina*

— ADVOGADO —

Rua Coronel Lysandro Nogueira — 41

— THERESINA —

# Galeria dos Eleitos

## As perolas

(Guimaraens Passos)



PARA falar com franqueza eu parára sem intenção em frente à vitrine, que era toda um incendio de pedrarias; e enquanto o meu amigo pensava talvez, em constellar o collo de sua amada, eu imaginava o que seria uma noite com estrellas verdes de esmeraldas, com estrellas encarnadas de rubis, com estrellas azues de saphyras. . .

Ah! um ceu com scintillações multicores!

E meu coração dizia-me. «Não te basta poeta, a areia de prata das noites de verão?! Tu não levas, desgraçado, horas perdidas sonhando, com os olhos pregados no firmamento!»

E já não comparaste os bellos olhos da tua amante aos formosos gemeos, Castor e Polhux, tranquilos, na ceu tranquillo!?

—«Tu, meu amor, é verdade, és mais bella que todos os astros. . . E essas pedras ridículas, que valem ao teu lado?» Respondia ao meu coração, reconciliando-me com elle.

—Entrem, que verão melhor.

Interrompi o sonho. Meu amigo olhou pa dentro. Entramos. Era a joalheira quem assum nos fallara.

Compondo um gesto galante, ainda rapido, persei.—«Não é que as mercadorias dão aos seus donos semelhanças. . .»

Talvez o meu amigo, nesse momento encontrasse afinidade entre as quitandeiras e as abobo-

ras: eu só acreditava que a mulher que tinha jóias, tinha um pouco dellas. E, com um sorriso:

—Perolas, senhorita.

—Perolas, cavalheiro.

Logo suas mãos esguias e claras, sem uma veia sahente, sem um angulo, de unhas breves e roseas, abriam caixinhas de velludo, em cujo fundo purpureo ou negro, fulgiam em voltas, em fios, as mais ricas perolas.

Meu amigo examinava as perolas, eu examinava os olhos da joalheira, baixos, com as longas pestanas preias, como quebra-luz, illuminando os collares. Sua bocca, era como se fosse fendida naquelle instante: vertia sangue; o nariz afilado e recto: as faces de uma frescura de flor da madrugada; os cabellos, entre o castanho e o fulvo, batidos da luz, coroavam-n'a como um halo suave de livro de Horas.

Ella levantou os olhos, eu baixei os meus.

—Não são tão bellas?

—Mas. . . balbuciei (enquanto a mim proprio dizia-me: minha amante é mais bella).

—Mas. . .? perguntou a joalheira.

—Quizera mais iguaes, muito iguaes. . .

Caixas e caixas estenderam-se abertas sobre a pellacia do balcão.

—Mais iguaes, insistia eu.

—Mais iguaes não tenho cavalheiros.

—Perdôe-nos, suppliquei-lhe sorrindo.

—Não tem de que, respondeu-nos com um sorriso.

—Aqui estão! exclamei, apontando-lhe a bocca, onde fulgiam seus dentes claros, iguaes, branquissimos. Eil-as! Eil-as!

Ella, corou, e rubra, apertando os labios, escondeu os dentes, como duplo fio de perolas num estojo camesim.

Não se vendem... murmurou.

## Secção Elegante

### A belleza da mulher

(Do Binoculo)



UDO nesta vida é relativo. O que é bom, aqui, é mau ali. O que é bello na China, é horrivel no Brasil. Nada existe de facto, de positivo. Nem a belleza. Quem ama o feio, bonito lhe parece. Vejam. Os labios que dão ao rosto feminino tanta graça pela pureza de suas linhas, são odiosamente deformados por certos povos da Africa que os furam e nelles collo am pequenos discos de madeira e anneis de metal.

\* \* \*

O mesmo fazem ás orellas. E si gostamos de ver uma orelha delicada, pequena, bem feita, os habitantes de certas regiões africanas, puxam-n'as bru ahrente ás crianças, allongam—n'as tanto quan-

to possivel e dobram—n'as depois como a aba de um chapéu de côco. E' essa a sua grande belleza. Os ethiopes apreciam muito as orelhas chatas, largas e colladas ao craneo. Os zecerlandezes fazem consistir a belleza da orelha no enorme desenvolvimento do seu lobulo, que, algumas vezes, tornado largo como a palma da mão, é furada e sustenta pedaços de madeira à laia de brincos. As sim tambem algumas tribus indigenas do Brazil.

\* \* \*

Numa região aprecia-se um pescoço grosso, curto, enterrado nos hombros. Noutra apreci-se um pescoço delgado, comprido. Em algumas localidades, a papeira é enfermidade, que embelleza, e uma mulher sem papeira é quasi sempre mulher que fica... para tia.

\* \* \*

A belleza do seio varia tambem segundo os paizes e os gostos: Nuns povos os seios proeminentes, enormes, são os preferidos. Noutras são os seios chatos, quasi nullos. As bayaderas indianas e cerram

os seios em estofos de cortiça flexível para impedir o seu desenvolvimento. As almeas do Egypto e as beudinas puxam-n'os pelos bicos para os tornar longos e pendentes.

\* \* \*

Nesta época, em que a belleza feminina já não predomina, e em que a graça e a distincção são os elementos que subjagam, todos os esforços dos amantes da belleza da mulher tendem a aperçoar-lhe os seus gestos, o seu andar, e até o seu modo de rir.

\* \* \*

Foi, talvez, por isso, que acaba de ser fundada, em Milão, uma Escola do Riso. Todo o facto que tenha logar, no geral, traz como consequencia immediata uma estatistica, e agora já se estabeleceu, por esse meio, quaes são as capitães em que se ri melhor.

\* \* \*

Em Bruxellas ri-se mais strepitosamente, em troca ri-se em Madrid com muito menos intensidade, e em Paris com maior distincção. No Rio... no R.º de Janeiro mal se sabe rir. Acha-se o riso impróprio; somos profundamente tristes ou sisudos. Só se vê rir bem na rua, na folia immensa que é a Carnaval. Depois disso, o riso recolhe-se como um molusco que fosse tocado para reaparecer um anno depois em pleno sol da loucura carnavalesca.

\* \* \*

Mas a Academia do Riso deve preocupar as senhoras. Já se sabe que ha as chamadas Academias de Belleza, onde peritas habeis tiram as rugas e ensinam o segredo de fazer durar o brilho da mocidade. A caminhar assim a sciencia da belleza, a mulher terá, para ser bella, que se inserever e seguir numerosos cursos, que a converterão num archivo de recursos de seducção,

\* \* \*

Quem ama o feio, bonito lhe parece. Não ha accôrdo possível ácerca da belleza do corpo, da elegancia das fórmas. Os allemães e os turcos apreciam a mulher gorda. Os japonezas apaixonam-se pelos talhes atarracados. As barrigas grandes foram muito apreciadas em tempos pelos inglezes; e na França é o ventre chato o que mais admiradores tem. Nalguns paizes apreciam-se as pernas compridas e magras; noutras preferem-se as pernas curtas e gordas. Na China aprecia-se um pé gordo e pequeno. No Oriente só o apreciam largo e chato. Os portuguezes a loram o pé pequeno e delgado; os inglezes, o pé cumprido e estreito.

\* \* \*

Uma senhora projecta montar em Buenos Aires uma academia. Para que? Para andar. Mas è preciso aprender a caminhar?—interrogarão surpresas as nossas leitoras. A noticia pelo menos è certa, foi dada por *El Diario*, que deu logo o nome da gentil professora—mlle. Leonie Barzemon.

\* \* \*

Mlle. Leonie declara que o caminhar é uma sciencia como outra qualquer. Ella estudou em Paris, primeiro como discípula de um conservatorio, depois como interna de uma academia technica, e depois ainda praticou na grande cidade ao lado de

grandes professores do genero. Mais tarde esteve em Chicago, em New York e em S. Francisco, onde ensinou varias americanas a andar.

\* \* \*

A professora dos passos declara que as suas lições desenvolvem na mulher a affeição abandonada ao e terciar, que é causa da obesidade que adquirem ainda as mulheres jovens no nosso clima, em seguida cultiva o encanto e a graça dos movimentos do andar

\* \* \*

A intelligente parisiense, pois que é de Paris mlle. Barzemon, affirma como conclusente este principio:—mostra-me como caminhas e eu te direi quem és. A c'asse, a educação, o character, tudo ella advinha no passo feminino, na cadencia, na harmonia a do angulo que formam as pernas ao mover-se. (1)

\* \* \*

Nas suas lições não ha marchas forçadas, nem contorsões, não ha languidez tropical,—admanes que são prejudiciaes para o desenvolvimento das curvas e em detrimento tambem das rectas; ensina-se o caminhar serio, magestoso, sem artificio, uma especie de deslizar leve sobre o pavimento como a suavidade do vôo da ave, que apenas roça a terra com as suas azas.

\* \* \*

Mlle. Barzemon não pretende crear andarilhas, nem novos especimens esportivos, mas alumnas de uma escola, que talvez triumphe. Completa o estudo de andar o de mover o corpo na conversação, o de sentar-se e o de sorrir-se até certo ponto è fã machinisação dos meiores gestos femininos, que, segundo a gentil professora, são uma linguagem tão expressiva como a dos olhos e a da bocca.

Que triumphe a nova escola.

\* \* \*

Quem ama o feio, bonito lhe parece. As differenças resultantes dos caprichos do gosto são por vezes muito curiosas. Para certos povos a belleza consiste em coisas que nos espantam, que nos chocam, e algumas vezes até nos revoltam. Assim, enquanto gostamos de ver nos cabellos as admiraveis cores naturaes, as indigenas da Africa, para serem bellas, devem pintal-os de amarello ou de vermelho.

\* \* \*

Enquanto os europeus gostam de uma testa larga, vasta, bem descoberta, os peruvianos só admiram a fronte achatada, pequena, deprimida. As mulheres, para alcançarem esse genero de belleza, empregam violentos meios mecanicos.

\* \* \*

Para todo o oriental, o rosto de uma linda mulher deve approximar-se, tanto quanto possível, da circunferencia perfeita, isto é, admiram o que nós chamamos cara de lua cheia. Comtudo, no Sião, admiram-se tambem os rostos em losango.

\* \* \*

Os grandes olhos á flor do rosto, redondos e muito abertos, são considerados formosos em muitos paizes. Os laponicos e os esquimaus, porém, pre-

ferem os olhos semi-cerrados, como os que apresentam as pessoas myopes, quando fitam algum objecto.

Um nariz proeminente é considerado muito feio para os povos tartarico e mongolico. Por isso as mães têm o cuidado de achatar o nariz dos filhos quando nascem. Os negros então admiram um nariz formidavel como uma perfeição, e os persas acham que quanto mais comprido é o nariz mais bonita é a pessoa. E quantos selvagens furam o nariz e nelle collocam pedaços de madeira, plumas ou quasquer outros objectos?!...

(1) Já Virgílio dizia: *Est vera incessu patula dea.* Traducção: *E na verdade pelo andar que se mani festa a deusa occulta.*

(N. da R.)

## De relance

Adoravel.

É a estrella mais brilhante do formoso arrabalde em que reside.

Symbolisa perfeitamente a doce imagem da belleza e da graça, e vê o mundo através do crystal dos seus quinze annos—phase em que o verde das esperanças alfombra o jardim dos sonhos.

A vida, embora lhe tenha annuviado a alma—pomar de ouro onde desabrocham os lyrios da pureza—todavia, fulgura-lhe no semblante numa aurèola vivissima de encantos.

Na sua voz graciosamente ligeira, parece que ha um eterno concerto de canarios. Os seus olhos meigos, cariciosos, de uma dolencia de entardecer, são duas fontes perennes de incomparavel ternura.

Actualmente anda enferma. É a sua phisionomia docemente pallida, de uma languidez de rosas ao sol, toda envolta em celeste mysticismo, é tão enternecedora, que chega a vibrar em nossas almas os violinos suaves da emoção.

É a mais delicada perola do oceano da bondade. Vel-a, é sentir desabotoar no peito a flor rissonha da sympathia.

Accende auroras no céu da sociedade therezinense e é muito querida, principalmente dos nossos meigos e adoraveis poetas.

Emfim: é uma santa. Pertencem-lhe, de certo, as petalas desta estrophe:

Apenas ella apparece,  
Estrellejada de amores,  
Ha um susurro de prece  
Nos lindos labios das flores.

Adonis.

Contractou casamento com a gentilissima senhorita Isabel Ferreira, o nosso distincto amigo Antonio Martins, socio da creditada firma commercial Gil Martins & C.<sup>a</sup>.

Aos felizes noivos, os nossos sinceros parabens.

—Recebemos e agradecemos a seguinte communicação:

Jão Baptista de Monte Santo e Celestina Gonzaga Mon e Santo, participam o nascimento de seu filho o qual chamar-se-á—Luis.

Sant'Anna, 23 de Setembro de 1909.

# TRAÇOS & LINHAS

## Caricaturas

III

Muito modesto e muito methodico na sua vida de solteiro.

Foi, ha tempos, um bohemio de força maior, incorregivel mesmo. Hoje, porém, tem exemplar e invejavel comportamento.

Flautista exímio, elle cultiva com esmero a sublime arte de Verdi, sem esquecer a divina arte de Bilac.

Na «Alvorada» tem publicado verdadeiras joias literarias:

Nos concertos musicaes occupa sempre um dos primeiros logares.

Estuda direito na livre faculdade do Ceará, onde tem feito figura mais ou menos regular.

Em amores é por demais exquisito—ainda ninguem descobriu quem seja a *Ella* dos seus versos, sempre ternos e apaixonados.

Nas suas opiniões é sempre criterioso e reflectido.

Tem um nome raro em o nosso meio, sendo, porém, conhecido entre as pessoas de sua amizade por um appellativo um tanto commum nos Raymundos.

O maldicto rheumatismo,  
Nesse infernal causticar,  
Tem por elle fanatismo:  
Não o deixa descansar.

Joanpecelzi.

## Pensamento

O homem sem dinheiro é um esqueleto navegante.

Prof. J. Siqueira.

## Sem allusão

Ha tempos conheci, já não sei quando,  
Um homem que não tinha opinião,  
E era uma graça vel-o *chaleirando*  
Quando se approximava uma eleição.

Em começo, vivia declarando  
Possuir um candidato; mas, então,  
Se via a opposição apresentando  
Um outro, eil-o applaudindo a opposição.

Depois, quando o governo publicava  
A chapa official, elle clamava:  
—É' este o victorioso, haja o que houver!

Mas pelo seu, que aliás ninguem sabia,  
Se alguém lhe perguntava, elle dizia:  
«Ha de ser tudo como Deus quizer!»

A.

## PASTA MYRTIS

Excellente desinfectante da bocca; limpa os dentes conservando o esmalte; refresca as gengivas e aromatiza o halito.

PREPARADA POR

*José R. da Fonseca.*

Deposito—Pharmacia Nova

RUA PAYSANDÚ—64.

THERESINA

### Pedro Britto

ADVOGADO

Acceta causas crimes e civis perante a Justiça Federal, e advoga no crime perante a estadual.

Residencia: *Caíania*  
Avenida FREI SERAFIM

*Casemiras* preta e decôres SMART vende-se na «Loja Mafrense de H. Parentes & filho.

*Edmundo Genuino & Irmão.*

Variado sortimento de artigos de fantasia para presentes.

*Oliveira, Pearce & C.* têm em deposito grande sortimento de casimiras pretas e de côres dos mais lindos gostos.

**Ricos** e lindos albuns para retratos na  
LOJA MAFRENSE,  
de H. PARENTES & FILHO.

compram todos os generos de exportação, pelos melhores preços do mercado.  
THEREINA—PRAÇA SARAIVA.

**Oliveira, Pearce & C.**

*Mattar, Irmão & Comp.*

Completo sortimento de extracto Aglaya, Sinhá, Ideal, Jeannette, Royal cachet, Selnorita, Guerlain, Essence heliotropes, Parfum Rochane do J. Davier, Delicioso, Ausair, Violeta, Idalia, Peau Espaniol, Koyno Dhanéz, Chuva de ouro. Oleo quinquina Kele surfim, gallet e Hule, Brilliantina, faro de Portugal, Pò dentrificio, Dental Pauder, Past dentrifice, Pasta de liro, Pós de arroz Eglantina, Trevol, Sinhá, Aglaya, Pó Boro Formol.

TUDO BARATISSIMO

na *Casa Oriental*

Rua Dr. Alvaro Mendes nº 15

THERESINA

### Dr. Hygino Cunha ADVOGADO

Rua Coronel Lysandro Nogueira 73

### Calloina Castello

PREPARADA POR

**Oscar C. Branco**

PHARMACEUTICO

Esta excellente composição applicada sobre os callos duros, tres vezes por dia, com o pincel que acompanha o vidro, amollece-os e fal-os cahir. Depois do terceiro dia de uso, collocam-se os callos num pouco d'agua morna, não calçando botinas ou sapatos enquanto não fizer a extração.

E' absolutamente indolor e não produz hemorragia.

DEPOSITO GERAL

PHARMACIA NOVA

Rua Paysandú, 64 Preço 2:000

THERESINA—PIAUHY

**Seda** para vestidos  
—artigo CHIC  
encontra-se na  
LOJA MAFRENSE  
de H. PARENTES & FILHO.



